



Bi-Biblioteca: divulgação científica sobre bissexualidade e monodissidência no Instagram

Danieli Klidzio¹

Helena Motta Monaco²

Resumo

Tendo como contexto a comunicação sobre bissexualidade e outras identidades ou temas que permeiam o universo das monodissidências, objetivamos refletir sobre a divulgação científica nas mídias digitais a partir da idealização e administração da Bi-Biblioteca. A Bi-Biblioteca (@bi__biblioteca) é um perfil criado por nós em janeiro de 2021 na plataforma Instagram a partir da percepção de que existe uma demanda do movimento bissexual e de sujeitos bissexuais, por produções científicas e dados sobre a bissexualidade. Isso se dá ao mesmo tempo em que há um aumento de pesquisas acadêmicas sobre o tema, porém, estas são pouco conhecidas entre ativistas e entre a comunidade em geral. Portanto, criamos o perfil com a intenção de facilitar o acesso às reflexões teóricas sobre bissexualidade e como uma devolutiva de nossas pesquisas às pessoas interlocutoras. Em meio ao contexto da pandemia da Covid-19 percebemos e participamos de mobilizações em torno da bissexualidade, onde as mídias digitais têm centralidade. Com a emergência da pandemia e a mudança de muitas atividades do presencial off-line para o on-line, iniciativas locais passaram a se integrar mais facilmente em uma rede de ativismo nacional e em diálogo com a academia. Destacamos a divulgação das produções acadêmicas sobre bissexualidade e monodissidência como estratégia de criação de espaços entre as produções científicas e a agenda do ativismo bissexual, bem como enquanto incentivo à produção de mais pesquisas. A partir dessa divulgação estabelecemos diálogos com ativistas e pessoas que comunicam sobre a bissexualidade, que também se apropriam das teorias apresentadas por nós e outras pessoas pesquisadoras para produzir seus conteúdos, gerando novos entendimentos e mobilizações políticas. Nesse sentido, desenvolve-se uma relação dialógica entre academia, produção de conteúdo e ativismo como resistência entre pares, ao mesmo tempo em que se busca a divulgação sobre as pautas para outros públicos. Salientamos as possibilidades de expansão da comunicação a partir das tecnologias, mas ao mesmo tempo,

¹ Mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

² Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

perfis nas redes sociais ficam à mercê da identidade algorítmica e do agenciamento das plataformas que dificultam a “entrega” de conteúdo na medida em que o personalizam.

Palavras-chave: bissexualidade, monodissidência, divulgação científica, mídias digitais, pandemia covid-19

Introdução

Neste trabalho temos o objetivo de refletir sobre divulgação científica nas mídias digitais, partindo da nossa experiência de idealização e administração do perfil Bi-Biblioteca (@bi__biblioteca)³ no Instagram. O perfil existe desde janeiro de 2021 e foi, portanto, criado e idealizado durante a pandemia da Covid-19, em um contexto de maior inserção nossa nas comunicações e mobilizações do ativismo bissexual que têm se intensificado neste período de forma on-line. Nesse cenário, a divulgação científica e as mídias digitais desenvolvem importante papel em mobilizações a partir da circulação de dados em torno da bissexualidade, além de contribuírem para elaborarmos noções sobre o “fazer científico” que não se dá apartado da sociedade em um estatuto de verdade, mas sim enquanto ferramenta social.

Existindo anteriormente, mas intensificando-se no contexto de pandemia da Covid-19, iniciativas de divulgação científica (institucionais e independentes) e eventos acadêmicos de ampliação do conhecimento para a comunidade em geral se dão pelas mídias em diferentes formatos e plataformas, inclusive no Instagram. Novos usos das redes sociais são desenvolvidos conforme o público e contexto em questão. No Brasil, o Instagram é a quarta rede social mais utilizada⁴ e sua relação com o público se dá mediada pela lógica algorítmica que personaliza o conteúdo, tornando a sua entrega mais complexa, não bastando o usuário seguir determinado perfil ou *hashtag*. Assim, em meio a uma disputa pela atenção, há estratégias e limitações com as quais pessoas criadoras de conteúdo precisam se preocupar.

A seguir, além de contextualizarmos a Bi-Biblioteca, sua criação e funcionamento, articulamos temas como a produção e a circulação do conhecimento científico com uma descrição relacional dos estudos sobre bissexualidade e monodissidências⁵. Também pensamos sobre ciência e mídias digitais a partir da nossa experiência de divulgação científica, abordando dificuldades e possibilidades com base em noções como a de público e algoritmo.

³ Disponível em: https://www.instagram.com/bi__biblioteca. Acesso em: 08 nov. 2021.

⁴ Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/> Acesso em: 14 nov. 2021.

⁵ Monodissidente é uma categoria guarda-chuva que abarca identidades e práticas não monossexuais, isto é, cuja atração sexual e afetiva não se restringe a pessoas de um único gênero.

Contextualizando a Bi-Biblioteca

Em 2020, houve uma grande mobilização de coletivos bissexuais brasileiros, da qual surgiu a Frente Bissexual Brasileira⁶, que no mesmo ano organizou o primeiro Festival Bi+⁷ em comemoração ao dia da visibilidade bissexual (23 de setembro). Nesse evento e em outros relacionados à data, percebemos um desconhecimento das pesquisas sobre bissexualidade por parte dos movimentos bi, ao passo que já tínhamos identificado, em pesquisas anteriores (Monaco, 2020), uma demanda pela produção desse tipo de conhecimento que possa fundamentar e legitimar pautas do movimento social. De fato, comparado com outras temáticas e letras da comunidade LGBTQIAP+, são poucas as pesquisas sobre o tema realizadas no Brasil. Entretanto, além disso, notamos que as pesquisas existentes tendem a ser pouco conhecidas pelas pessoas envolvidas com o movimento bissexual que, inclusive, mobiliza a falta de dados como uma das principais problemáticas em torno da bissexualidade. Nesse sentido, identificamos uma contradição: de um lado, há o esforço que tem sido feito nos últimos anos por pessoas pesquisadoras sobre bissexualidade no Brasil e, de outro, o desconhecimento acerca dessas pesquisas, que além de não circularem entre os estudos de gênero e sexualidade, enfrentam dificuldades para serem conhecidas pelo público mais interessado nelas.

Por isso, decidimos criar um espaço de divulgação científica, que também funcionasse como devolutiva de nossas pesquisas às pessoas interlocutoras. No dia 4 de janeiro de 2021 fizemos a primeira publicação da Bi-Biblioteca na plataforma Instagram (Figura 1). Desde então mantemos publicações semanais, sempre nas segundas-feiras às 11 horas, com sínteses de teses, dissertações, artigos e outros trabalhos que tratem da bissexualidade ou da monodissidência em formato de imagem com texto. Eventualmente também publicamos sobre temas específicos, mobilizando mais de uma referência⁸.

⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/frentebissexualbr>. Acesso em: 11 nov. 2021.

⁷ Sendo um marco para o movimento brasileiro como o primeiro evento nacional em torno da bissexualidade, a primeira edição do Festival Bi+ aconteceu no dia 26 de setembro de 2020 e, assim como a segunda edição nos dias 25 e 26 de setembro de 2021, foi transmitida pelo YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/FrenteBissexualBrasileira>. Acesso em: 11 nov. 2021.

⁸ Recentemente passamos a fazer também outras publicações, às vezes em outros dias da semana, referentes a projetos que desenvolvemos ou participações em outros espaços como transmissões ao vivo, minicursos, *podcasts*, entre outros. E desde setembro de 2021 nosso *feed* (página de fluxo do conteúdo seja geral ou interna do perfil e que permite rolagem para cima ou para baixo para acompanhar as postagens) é dedicado a divulgar o subjprojeto da Bi-Biblioteca chamado “Clu-Bi”, que consiste em um clube de leitura bissexual com encontros mensais on-line. Dedicado a mobilizar o consumo da literatura brasileira com protagonismo bissexual, embora não tenha relação com pesquisas científicas, o Clu-Bi também segue a proposta de incentivar a circulação de produções sobre bissexualidade.

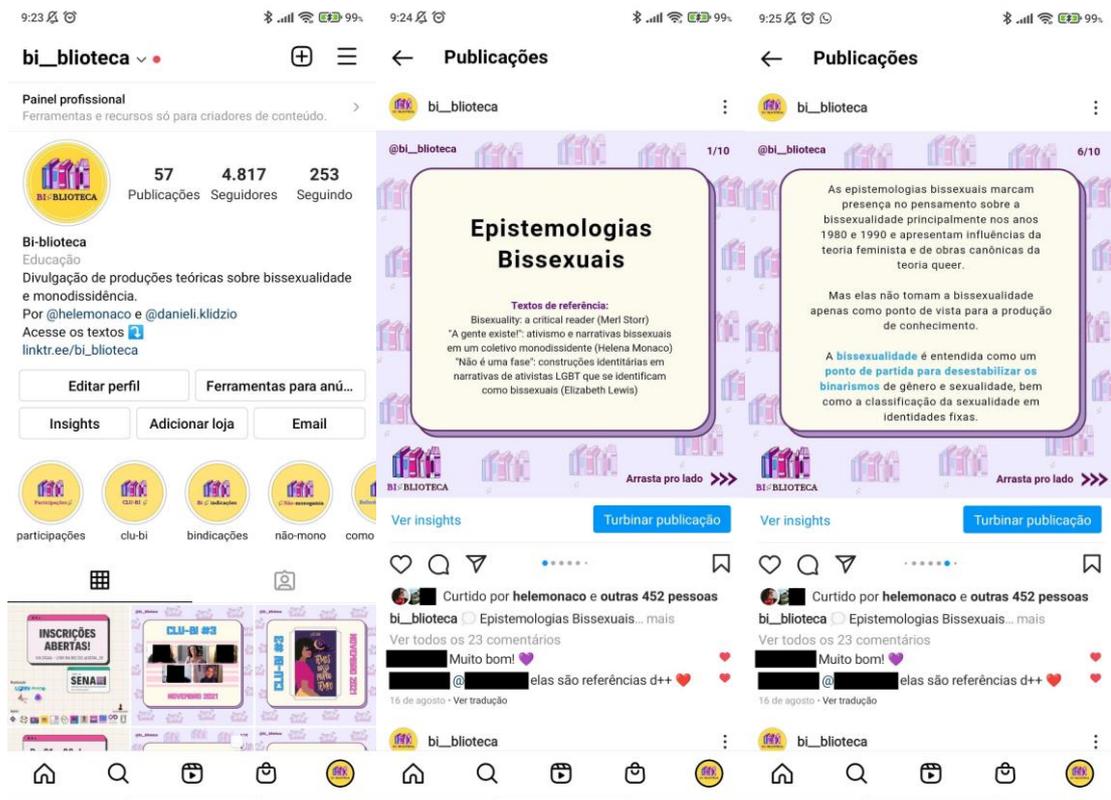


Figura 1 Capturas de tela do perfil da Bi-Biblioteca e exemplo de publicação

Fonte: Elaboração própria.

Escolhemos o Instagram por dois motivos principais: por ser uma das redes sociais mais populares, de fácil acesso por dispositivos móveis e com a qual estávamos habituadas, sendo muito utilizada também pelas pessoas interlocutoras de nossas pesquisas, contando com perfis de *influencers* bissexuais e de coletivos. Além disso, o formato de publicações do Instagram nos pareceu compatível com o tipo de conteúdo que queríamos trazer, que são imagens com textos breves em uma arquitetura da rede que favorece a interação e o compartilhamento rápido.

Sendo um aplicativo para dispositivos móveis que também pode ser acessado na versão *web* por um navegador, o Instagram foi criado em 2010, originalmente como uma rede social com foco no compartilhamento de fotos e, ao longo dos anos, incorporou outras funcionalidades. Algumas delas são: publicação e compartilhamento de vídeos e transmissões ao vivo (chamadas de *lives*) que podem ficar salvas na plataforma, bate-papo por mensagem escrita e gravação de voz, compartilhamento de fotos e vídeos em bate-papo privado, compartilhamento de *stories*, isto é, fotos ou vídeos curtos que ficam disponíveis no perfil por

um período limitado (24h) e que posteriormente podem ficar salvos no perfil na seção “destaques”.

É necessário ter um perfil de usuário para acessar a rede. Esse perfil funciona como uma página pessoal na qual além de salvar *stories* já compartilhados é possível visualizar o *feed* (histórico de fotos e vídeos publicados), nome, descrição (também chamada de *bio*), número de publicações, número de perfis seguidores e de perfis seguidos. A relação entre um perfil e outro não precisa ser mútua, ou seja, um perfil pode seguir outro que não o segue. Eles podem ser públicos ou privados, sendo que no primeiro tipo todas as informações podem ser visualizadas por qualquer usuário, e no segundo é necessário solicitar autorização para seguir o perfil e, então, visualizar as publicações. Além disso, há contas pessoais, direcionadas a usuários em geral e contas do tipo “profissionais”, cuja principal diferença é o acesso a “*insights*” (Figura 2) que consistem em informações, detalhadas em estatísticas e gráficos, sobre o perfil, número e interação de perfis seguidores, alcance das publicações, entre outras coisas. No caso em questão, a Bi-Biblioteca é um perfil público e profissional, o que nos permite acompanhar o fluxo de interações com dados fornecidos pela plataforma.

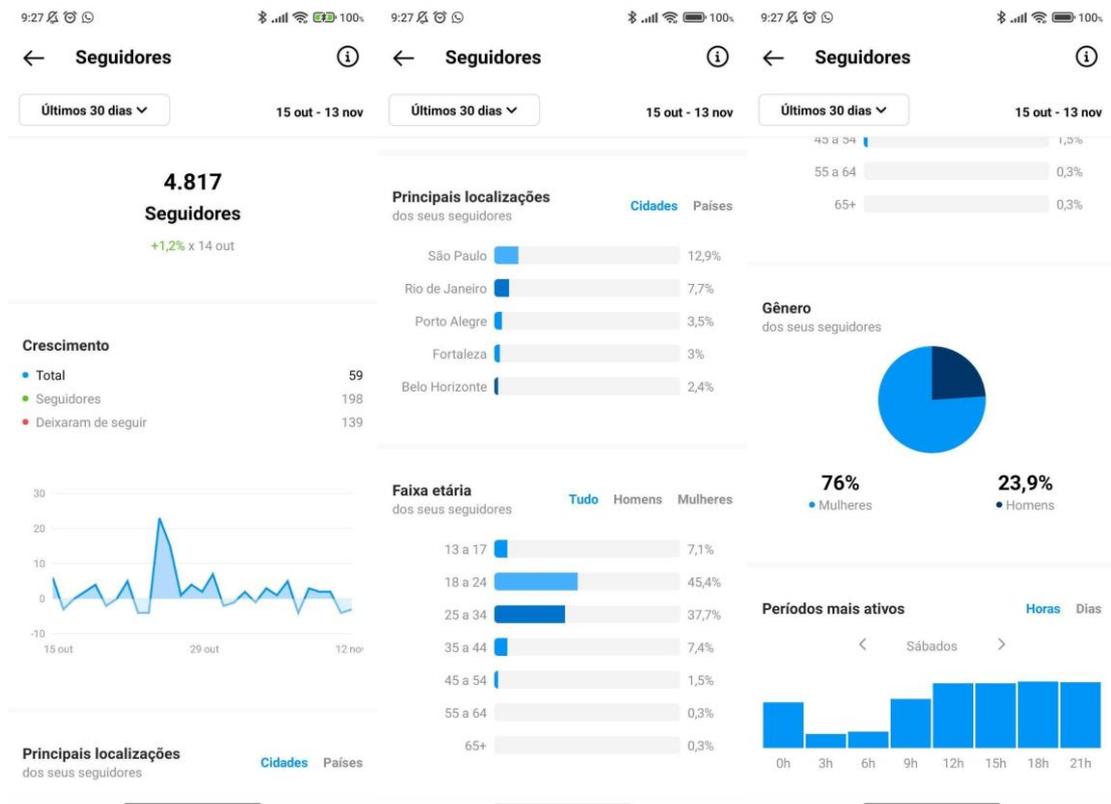


Figura 2 Capturas de tela de alguns *insights* do Instagram

Fonte: Elaboração própria.

Mas para além desse contexto geral, gostaríamos de situar nossa experiência de criação da Bi-Biblioteca em relação ao tema e as mobilizações em torno da bissexualidade no Brasil. Nos conhecemos em 2020, de forma on-line, em um curso de extensão promovido junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria, relacionado à antropologia e coordenado pela professora Jurema Brites e pelo professor Alisson Machado. O curso, intitulado “Etnografia em Tempos de Pandemia”, proporcionou espaços para debatermos nossas ideias de pesquisas. Junto a ele foram criados grupos de trabalho para exercitarmos, ainda que de forma exploratória, a etnografia colaborativa. A partir de então, por estarmos no mesmo grupo chamado “Mídias digitais, coletividade e gênero” nos aproximamos pelo debate que se deu, não apenas, mas também em torno do tema da bissexualidade.

No entanto, antes mesmo do momento de reuniões junto a esse grupo de trabalho, nosso encontro foi um momento marcante por ser a primeira vez em que ambas conhecemos outra pessoa que também estava pesquisando o tema. Apesar de termos lido e sabermos que outras

pesquisas já foram feitas, ter a oportunidade de troca com outra pesquisadora foi transformador, pois o isolamento das pesquisas sobre bissexualidade, até mesmo no âmbito de troca com pares, tende a ser comum. Isso se dá por conta de, como já mencionamos, as pesquisas não circularem e por ser um campo de estudos ainda em consolidação no Brasil. Nesse sentido, foi a partir de uma iniciativa on-line no contexto da pandemia de Covid-19 que estabelecemos contato, abraçamos a oportunidade de debater teoricamente e também percebemos experiências comuns enquanto pesquisadoras da bissexualidade.

Em seguida, começamos a participar do Grupo Amazônida de Estudos sobre Bissexualidade (GAEBI)⁹. Criado em 2019 por estudantes de psicologia da Universidade Federal do Pará (UFPA) o grupo retomou suas atividades de modo on-line em 2020 e assim como a organização da Frente Bissexual Brasileira, tem sido um importante espaço de estudos e de mobilização (nesse caso especialmente acadêmica) em torno da bissexualidade, que se fortaleceu a partir das mídias digitais no contexto da pandemia. Com encontros quinzenais via *Google Meet*, atualmente o grupo é coordenado por Beatriz Cruz (que foi também uma das pessoas criadoras da iniciativa) e Inácio Saldanha, reunindo pessoas pesquisadoras e estudantes de cursos de graduação e de pós-graduação de distintas áreas, bem como demais pessoas interessadas no tema de diversas regiões do Brasil.

Portanto, foi a partir da nossa inserção em espaços de discussão acadêmicos e não acadêmicos sobre a bissexualidade que, aos poucos, elaboramos a Bi-Biblioteca. Além disso, perfis no Instagram como o Bi na Mídia¹⁰, feito pela pesquisadora Talitta Cancio para tratar sobre representação bissexual na mídia, foram inspiração para nossa iniciativa. Similarmente, a partir da Bi-Biblioteca e das mídias digitais foi possível nos aproximarmos de outras produções sobre a bissexualidade e de divulgação científica.

Divulgação científica sobre bissexualidade e monodissidência

Os estudos sobre bissexualidade têm apontado apagamentos e invisibilidade como principais problemáticas entendidas como fruto de uma leitura binária da sexualidade, que compreende existências apenas pelo binário que opõe heterossexualidade e homossexualidade. Nesse caso, ainda que inscritas em um binário hierárquico, essas duas orientações sexuais

⁹ Disponível em: https://www.instagram.com/gaebi_pa. Acesso em: 11 nov. 2021.

¹⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/binamidia>. Acesso em: 11 nov. 2021.

diferem da bissexualidade na medida em que se orientam para um gênero como definidor dessa identificação, pela lógica da monossexualidade. A perspectiva da monodissidência, ou seja, da dissidência da monossexualidade, tem sido um viés análogo pelo qual cada vez mais pesquisas se debruçam. A monodissidência pode ser encarada também como “uma ferramenta político comunitária que contempla todas as pessoas que se atraem sexual e/ou romanticamente por mais de um gênero” (Vas, 2021, p. 22) e nesse sentido se propõe a englobar outras identidades como a pansexualidade, por exemplo.

Nesse contexto, o objetivo da Bi-Biblioteca tem sido divulgar pesquisas diversas: trabalhos de graduação, mestrado e doutorado e artigos sobre bissexualidade e monodissidência, sem focar em uma temática específica, buscando ampliar de modo geral a difusão das reflexões já elaboradas no Brasil há algumas décadas. Além disso, nos interessa o conhecimento acerca de teorias estrangeiras para que outras realidades e semelhanças possam ser visualizadas, até mesmo como forma de incentivo para a realização de investigações sobre a realidade e as especificidades da bissexualidade no Brasil.

Desde quando começamos a pesquisar sobre bissexualidade sentimos na pele a dificuldade de encontrar pesquisas e acessar teorias e dados sobre esse tema, mesmo inseridas em grupos de estudos e espaços de discussão acadêmicos sobre gênero e sexualidade. Muitas vezes, o sentimento que prevalece para quem busca se aproximar da bissexualidade como objeto de pesquisa é de que é preciso “começar do zero.” No entanto, embora existam em número consideravelmente menor se comparado às pesquisas sobre outras nuances da sexualidade e identidades LGBTQIAP+, importantes pesquisas sobre a bissexualidade enquanto orientação sexual e identidade política já foram realizadas sobre o nosso contexto brasileiro. Nesse sentido, também é objetivo da Bi-Biblioteca afirmar que essas pesquisas existem e que precisam circular, sendo a bissexualidade tema sólido e que permite uma diversidade de nuances e abordagens.

Na Bi-Biblioteca, com a publicação de resumos de pesquisas e obras científicas e com a disponibilização de uma pasta no Google Drive por meio de nosso “link na bio”¹¹ no Instagram contendo trabalhos na íntegra ou links para acessá-los, tentamos ampliar a acessibilidade deste conhecimento para diversos públicos. Ao mesmo tempo, nos interessa contribuir para que pessoas que pesquisam o tema na atualidade ou futuras pesquisadoras tenham maior facilidade para encontrar essas referências e se vejam menos isoladas em seus processos de pesquisa.

¹¹ Expressão êmica que indica o link externo à plataforma que pode ser disponibilizado por cada perfil no Instagram abaixo de sua descrição ou “bio”. Muitos perfis, incluindo a Bi-Biblioteca, utilizam plataformas agregadoras de links para disponibilizar mais de um, sendo a chamada “*Linktree*” uma das mais comuns.

Adicionalmente, é nossa intenção que os resultados e as próprias investigações sobre bissexualidades (e também sobre a perspectiva da monodissidência) deixem de estar em um isolamento no campo dos estudos de gênero e sexualidade. Nos inserimos no interesse de incentivo à leitura dessas pesquisas para que possam contribuir até mesmo com perspectivas analíticas para estudos diversos sobre a população LGBTQIAP+, sobre saúde, direitos sexuais e reprodutivos, corpos, afetos, identidades, por exemplo, e para o desenvolvimento de políticas públicas e iniciativas de extensão universitária.

Buscamos divulgar pesquisas e dialogar com campos não apenas das Ciências Sociais e não somente com pessoas ligadas à academia mas com um público geral, entendendo que uma das preocupações da produção do conhecimento científico deve ser o seu compartilhamento para além dos muros da universidade. É parte do “fazer ciência” a devolutiva dos dados para os grupos pesquisados, bem como a ampliação das possibilidades de apropriação e de críticas e contestações por sujeitos e movimentos sociais.

Além disso, no caso da bissexualidade, em especial, se fazem presentes dificuldades materiais de acesso a dados. Ainda que a tendência atual seja de termos cada vez mais produções nacionais, a maior parte dos livros já publicados e que sintetizam teorias de referência para interpretar o tema e produzir novas análises, é estrangeira. Em meio a isso, há uma ausência de reedições ou de traduções, o que faz com que sejam inacessíveis ou acessíveis por um custo financeiro muito alto, ou ainda, frequentemente a única opção é a leitura em inglês. Além dos livros, muitos artigos em inglês sobre bissexualidade estão em *sites* pagos e até mesmo dissertações brasileiras de pouco mais de 20 anos atrás sobre o tema não são citadas e não circulam em arquivos de fácil acesso. Existem, portanto, condições materiais e logísticas que dificultam a inserção do Brasil em debates que já vêm sendo feitos há décadas, bem como alimentam a condição de invisibilidade da bissexualidade também nas pesquisas.

Nesse sentido, a divulgação científica sobre bissexualidade e monodissidências também busca cumprir um papel de incentivo à própria entrada e permanência de pessoas pesquisadoras bissexuais nas universidades. Possibilita a criação de acolhimento e de elos, inclusive entre pessoas de diferentes instituições e lugares do Brasil, como é o nosso caso, facilitando a relação com os temas de pesquisa a partir da indicação de leituras e de discussões críticas sobre elas¹². Ainda que a divulgação científica não deva ser confundida com o ativismo, iniciativas como a

¹² Papel que o GAEBI, já mencionado acima, também tem cumprido enquanto grupo de estudos.

Bi-Biblioteca ampliam os horizontes para pensarmos as relações entre ativismo e academia, uma vez que há proximidade entre os dois campos.

Esse cenário tem se fortalecido com a pandemia de Covid-19 que impulsionou um uso já crescente de ferramentas tecnológicas para práticas educacionais e divulgação de pesquisas de modo geral, e que aos poucos também se expande nas ciências sociais e na antropologia (Parreiras e Lacerda, 2021), seja por meio de perfis em redes sociais como Instagram, Twitter e Facebook ou em *podcasts* e canais no YouTube. Com a apropriação das redes sociais para esses usos, a popularização da ciência ocupa canais de acesso ao público que trazem uma relação de maior proximidade, possibilidades de interação e facilidade de compartilhamento do que programas de televisão e jornais e revistas impressas ou on-line. Ao mesmo tempo, se volta especialmente a um público de faixa etária e condições materiais e habilidades de acesso tecnológicos específicos.

À divulgação científica também cabe o papel de impulsionar reflexões sobre o que é e qual é o lugar da ciência, que não se faz à parte da sociedade, tampouco com um olhar de cima que deve permanecer suspenso sobre os sujeitos como um “olho que tudo vê”. Conforme Donna Haraway (1995), a objetividade do conhecimento não diz respeito a uma suposta visão transcendental que não é passível de responsabilização, mas sim a uma corporificação específica e uma perspectiva situada em relação aos contextos de pesquisa em que a pessoa pesquisadora está imersa, sendo necessário o reconhecimento de que se faz pesquisa por um determinado viés. Importa um compromisso ético-político em assumir que não há possibilidade de neutralidade na produção de conhecimento, sendo a negação disso apenas um truque para a construção de uma objetividade utópica que não considera relações de poder e implicações entre sujeito, objeto e contexto de pesquisa. O que, nos estudos sobre bissexualidade mostra-se central com os esforços de investigações feitas por pessoas bissexuais para darem conta de diferentes realidades, buscando também a construção de uma memória e circulação desses dados¹³.

Entendendo a ciência como uma ferramenta e não como uma figura de autoridade, é possível expandir as discussões epistemológicas sobre as bases e vieses da produção do conhecimento, bem como sobre o papel da sua circulação. A ciência pode e deve ser feita

¹³ No contexto da bissexualidade, eventos como a III Semana da Visibilidade Bissexual de Assis (<https://www.instagram.com/semanavisibi/>) e o I Seminário Nacional de Estudos Bissexuais (https://www.instagram.com/sena_bi/) realizados de forma totalmente gratuita e on-line neste ano de 2021 marcam um movimento histórico de expansão desse campo e de sua comunicação com uma comunidade mais ampla.

também por sujeitos engajados em seus contextos e consideramos que, nos estudos sobre bissexualidade no Brasil, a sua imagem se estabelece sendo pensada não como o único saber, ou como “a verdade”, mas, justamente, como ferramenta. Assim, conhecer o que está sendo produzido na academia (e também o que está sendo deixado de lado ou abordado apenas por determinado viés), é importante. Por vezes, discursos e práticas nocivas para pessoas bissexuais se fundamentam na escassez do tema na formação de profissionais da saúde, da educação e até mesmo nas condições de acesso e permanência em ambientes escolares e no mercado de trabalho.

Além disso, nas Ciências Sociais e em outras áreas do conhecimento das Ciências Humanas, a divulgação da ciência tende a integrar um movimento de afirmação da cientificidade para além das ciências chamadas “duras”. A desvalorização e sucateamento dessas áreas passa por uma lógica específica de que estas não têm utilidade para o desenvolvimento da sociedade, sob um ideal acusatório de “doutrinação”, que atualmente opera nas práticas discursivas do bolsonarismo (Alves e Silva 2020). Isso se dá em especial sobre os estudos de gênero e sexualidade para os quais voltam-se acusações em nome de um temor pela destruição de ideais de família e relacionamentos. Pode-se dizer que opera uma intenção de silenciamento de determinadas abordagens por conta da incapacidade de lidar com a diferença.

Portanto, assim como a própria realização de pesquisas, a divulgação científica insere-se num movimento de engajamento (Anhas, Rosa e Silva 2018), produção de saberes conjuntos e extensão acadêmica que se guia pela percepção de relações e territórios de invisibilidade e desigualdades históricas e sociais. A Bi-Biblioteca é construída com o apoio coletivo por noções de acolhimento acadêmico e social, conjugando demandas pessoais em um tema de pesquisa que se consolida coletivamente. O incentivo à nossa iniciativa e a relação que a partir disso consolidamos com outros projetos (científicos e ativistas) em torno da bissexualidade, também caracterizam-se como aprendizado conjunto e apoio afetivo e emocional que mobiliza e impulsiona a produção e divulgação científica.

Limites e possibilidades para a divulgação científica em relações algorítmicas

Trabalhar com divulgação científica no Instagram nos coloca em uma posição ambígua: por um lado, estamos em uma rede de criação e expansão de comunidades afetivas e de apoio mútuo; de outro, a arquitetura dessa rede volta-se para relações comerciais de poder, consumo e exploração de dados pela própria plataforma. A configuração algorítmica do Instagram exige

que observemos e adotemos estratégias voltadas ao aumento da visibilidade de nossas publicações. Isso se dá pela lógica da captura, para utilizar o vocabulário proposto por Nick Seaver (2018), que pensa a recomendação algorítmica como uma armadilha que busca capturar os usuários. Se inicialmente os sistemas de recomendação funcionavam a partir de avaliações explícitas dos usuários, hoje esse não é mais o caso.

O autor mostra que dados de interação com o conteúdo começaram a ser utilizados como sinal de sua relevância, numa espécie de classificação implícita. Esses dados passam a ser considerados “mais verdadeiros” do que as classificações explícitas e a satisfação dos usuários, a serem medidos pela ideia de “retenção”. Com isso, a recomendação deixa de ser parte isolada das plataformas para dominar toda a interface e “entrega” de conteúdo. No Instagram essa mudança efetivou-se em 2016, quando o *feed* deixou de ser cronológico para ser organizado por recomendação com base na relevância atribuída pelo algoritmo. Desde então, quando uma publicação é feita, ela não aparece para outros usuários com base na ordem de publicação e sim conforme a relevância atribuída pelo algoritmo que a posiciona mais acima ou mais abaixo no *feed*, determinando o que será visto primeiro e será de fato entregue. No entanto, uma das maiores problemáticas é que esses parâmetros de relevância não são acessíveis aos usuários ou às pessoas que criam conteúdo para a plataforma, até porque levam em consideração uma infinidade de ações usualmente consideradas irrelevantes no uso cotidiano.

Seaver (2018) chama as medidas do algoritmo de métricas de cativação. Essas métricas medem a capacidade de um sistema e, adicionamos, de um perfil ou publicação específica, de gerar engajamento, ou seja, de captar a atenção do usuário de modo a produzir interações e retenção por mais tempo na plataforma. Esse sistema de classificação da relevância e de recomendação de conteúdo é pensado como uma armadilha para capturar os usuários. Com isso, algoritmos passam a ter um papel cada vez mais importante na seleção de informações às quais temos acesso (Gillespie 2014) e, portanto, têm grande impacto em tentativas de divulgação científica por plataformas como o Instagram.

A metáfora da armadilha sugere uma interação entre caçador e presa, onde a agência circula de um para o outro, uma vez que, se o animal não desempenhar o seu papel, a armadilha não funciona (Seaver 2018). Nesse sentido, como criadoras de conteúdo não controlamos o algoritmo, mas também não somos apenas consumidoras: precisamos aprender a utilizar as armadilhas para otimizar o objetivo de *divulgação*, isto é, para que nossas publicações alcancem efetivamente o público ao qual se destinam. Mas, ao fazer isso, também estamos nos deixando

capturar, desempenhando o papel designado pela armadilha, e capturando outros usuários. Assim, é como se além de capturar os usuários, o Instagram também terceirizasse a armadilha para ser utilizada por *influencers* e pessoas criadoras de conteúdo.

Nessa direção, Tarleton Gillespie (2014) argumenta que usuários modificam seu comportamento e práticas para se adequar aos algoritmos ou mesmo para modificá-lo. Se os usuários se recusam a adequar-se ao algoritmo – ou a ser capturados pela armadilha – então o algoritmo falha. Por esse motivo, o autor considera que devemos considerar o enredamento entre os algoritmos e as táticas de usuários. Para Gillespie, assim como para Seaver (2018), a relação usuário/algoritmo não é unidirecional, pois há circulação entre os cálculos algorítmicos e os cálculos das pessoas, existindo uma reorientação de práticas dos usuários para amplificar seus esforços (Gillespie 2014: 184) na plataforma. Por isso, é importante atentar para a agência dos usuários, que, embora tenham um poder desigual por não ter controle ou conhecimento sobre os parâmetros dos algoritmos, nem por isso são meros usuários passivos. Para Gillespie (2014), os algoritmos não são simplesmente o que seus desenvolvedores criam, mas também o que usuários fazem deles e com eles cotidianamente. Entretanto, uma grande assimetria não deixa de existir, já que a lógica de manutenção e de mudanças nos algoritmos estão nas mãos das empresas, e não dos usuários. Isso fica evidente na recente mudança no algoritmo do Instagram, que passou a valorizar vídeos ao invés de fotos, diminuindo a classificação de relevância do conteúdo de vários perfis – incluindo a Bi-Biblioteca.

O algoritmo do Instagram prioriza a retenção do usuário na plataforma, por meio da classificação de relevância das publicações através das interações do usuário com o conteúdo, isto é, pelo engajamento. Curtir, comentar, compartilhar, salvar uma publicação, votar em uma enquete, responder a um *story* ou enviar uma mensagem no bate-papo privado são algumas das formas de interação entendidas como engajamento, sendo que algumas (como salvamentos e compartilhamentos) são mais valorizadas do que outras (como curtidas). Nesse sentido, é possível afirmar que o algoritmo procura avaliar a atenção dos usuários a determinados conteúdos, bem como o diálogo entre ele e o perfil em questão para então identificar se aquele conteúdo ou perfil é relevante para aquele usuário em específico e outros usuários com comportamento semelhante, aproximando-se da ideia de público descrita por Warner (2016; 1991), mas produzindo públicos calculados (Gillespie 2014).

Apesar da aparência de horizontalidade e de relação em redes da comunicação nas redes sociais, muitas vezes ela só acontece dessa forma do ponto de vista das relações no círculo

social mais próximo. Quando pensamos em celebridades, autoridades e *influencers*, a comunicação se assemelha mais a uma transmissão de um ponto para vários receptores do que a uma forma de rede. No entanto, ainda é preciso ter um diálogo, justamente para sinalizar relevância ao algoritmo. Para ser público, é necessário que haja algum grau de atenção, justamente porque o público existe em virtude de ser destinatário (Warner 2016). Assim, no Instagram, essa atenção é codificada e medida através do que se chama de engajamento, que definirá se determinado usuário é ou não o público de discursos parecidos com aquele. Nesse sentido, pertencer ou não a um público exige alguma participação, seja ativa ou passiva (Warner 2016).

Além de pedir ajuda explicitamente aos seguidores, para que se coloquem ativamente como público demonstrando a atenção ao algoritmo, pessoas criadoras de conteúdo usam outros tipos de estratégias para chamá-los à ação. Uma delas consiste em fazer perguntas, levantando debates polêmicos que incentivam comentários, utilizando ferramentas do próprio Instagram como enquetes e caixas de perguntas. Por sua vez, as pessoas seguidoras, longe de caírem inocentemente em armadilhas criadas por *influencers*, desempenham seu papel de presa voluntariamente, tanto para ajudar quanto para receberem recomendações semelhantes. Isso é particularmente verdade quando olhamos para o que talvez possamos chamar de contrapúblicos (Warner, 2016) do Instagram, isto é, públicos que têm uma ideia de sua condição subordinada com relação a um público geral dominante e ao qual se contrapõem. O público da Bi-Biblioteca seria um contrapúblico pois é excluído e invisibilizado não só com relação ao público geral entendido como heterossexual e cisgênero, mas também de outros contrapúblicos como o chamado LGBT, que comumente se resume a representações sobre gays e lésbicas. Esse contrapúblico move-se por um engajamento orgânico¹⁴ e afetivo por conta de uma identificação pessoal, afetiva, de identidade e também coletiva e política com o conteúdo. Além disso, trata-se de um engajamento que é, muitas vezes, mútuo. Estabelece-se uma rede de criação e divulgação de eventos e temáticas pertinentes à bissexualidade, perfis impulsionam uns aos outros, sendo possível pensarmos até mesmo em um senso de comunidade e de pertencimento dentro do Instagram.

Para Seaver (2018: 433), “a questão a ser feita às armadilhas pode não ser como escapar delas, mas sim como recapturá-las e transformá-las em novos fins a serviço de novos

¹⁴ Termo utilizado para se referir a um alcance que não é resultado de distribuição paga do conteúdo nas redes.

mundos.”¹⁵ Assim, se os usuários se deixam capturar pela Bi-Biblioteca (e, conseqüentemente, pelo algoritmo), é porque têm um projeto político comum e, talvez principalmente, porque a aparência de diálogo nesse espaço dá a sensação de que suas vozes são amplificadas ou dão sentido coletivo a experiências individuais. O algoritmo do Instagram, portanto, não serve apenas aos interesses econômicos da empresa, mas é utilizado cotidianamente também para criar espaços de troca entre sujeitos subalternizados.

Considerações finais

A Bi-Biblioteca foi criada como um espaço de divulgação científica sobre bissexualidade, como forma de ampliar o acesso a produções teóricas para pessoas pesquisadoras, com vistas à criação de uma memória desses estudos e ampliação das possibilidades de revisões teóricas e críticas, bem como de novas reflexões sobre a bissexualidade no contexto brasileiro. A dificuldade de encontrar referências nacionais e estrangeiras sobre o tema é um entrave ao desenvolvimento desse campo de estudos no Brasil, já que a cada pesquisa parece ser necessário reinventar e redescobrir conceitos e perspectivas teóricas.

Nesse sentido, acreditamos que ampliar o acesso a esses trabalhos possibilitará o desenvolvimento de pesquisas futuras com base nesse acúmulo teórico, analítico e conceitual, viabilizando a localização de lacunas e carências no debate já estabelecido. Adicionalmente, expandir o alcance de pesquisas estrangeiras no Brasil possibilita o desenvolvimento de perspectivas críticas e revisões decoloniais, por exemplo, em relação a elas. Em suma, espaços como a Bi-Biblioteca e outros como o GAEBI permitem que as discussões sobre bissexualidade avancem.

Mas, além das preocupações com o debate acadêmico sobre bissexualidade, importa igualmente ampliar o acesso a essas produções por grupos e pessoas fora da academia, especialmente ativistas e pessoas comunicadoras bissexuais. Nossos esforços com a Bi-Biblioteca, portanto, partem também de um compromisso ético e político com a devolução de nossas pesquisas aos grupos estudados e com a promoção da visibilidade bissexual em consonância com os movimentos bi.

Nesse contexto, a divulgação científica no Instagram permanece limitada à lógica da plataforma, ao mesmo tempo em que concentra-se em uma rede de conteúdos que se

¹⁵ “The question to ask of traps may not be how to escape from them, but rather how to recapture them and turn them to new ends in the service of new worlds.” (Seaver 2018: 433).

relacionam. Abre-se margem para o desenvolvimento de uma relação dialógica entre academia, produção de conteúdo e ativismo como resistência entre pares simultaneamente à divulgação sobre as pautas para outros públicos. Mas, em meio a isso, com a lógica algorítmica não explicitada por pessoas usuárias e produtoras de conteúdo, impõem-se modos específicos de projetar o conteúdo que requerem um planejamento próprio para a plataforma visando sua “entrega”, que ainda assim não é garantida. A divulgação científica no Instagram depende do engajamento e da criação de públicos, que por sua vez está dependente de uma identidade algorítmica construída a partir de dados de consumo na plataforma, que definirá quem receberá ou não determinado conteúdo por perfis ou com *hashtags* que segue.

Referências

- ALVES, Alison S. de S.; SILVA, Francisco V. da. 2020. Discursos sobre as ciências humanas no bolsonarismo: da repetição à prática. *Revista Eletrônica de Educação*, 14: 1-20. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/4524/1061> Acesso em: 14 nov. 2021.
- ANHAS, Danilo de M.; ROSA, K. R. M.; SILVA, Carlos Roberto de C. 2018. Afetividade e práxis transformadora na pesquisa qualitativa. *Psicologia & Sociedade*, 30. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/LNSLPrjx6KMGg7B4HgmkJSP/abstract/?lang=pt> Acesso em: 14 nov. 2021.
- GILLESPIE, Tarleton. 2014. The relevance of algorithms. In: GILLESPIE, Tarleton; BOCZKOWSKI, Pablo J. Boczkowski; FOOT, Kirsten A. (Eds.). *Media Technologies: Essays on Communication, Materiality, and Society*. MIT Press.
- HARAWAY, Donna. 1995. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 5.
- MONACO, Helena Motta. 2020. “*A gente existe!*”: ativismo e narrativas bissexuais em um coletivo monodissidente. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina.
- PARREIRAS, Carolina; LACERDA, Paula. 2021. Tecnologia, educação e divulgação científica em antropologia: Usos, consumos e produção de podcasts. *Novos Debates*, 7(1). Disponível em: <http://novosdebates.abant.org.br/revista/index.php/novosdebates/article/view/177> Acesso em: 14 nov. 2021.
- SEAVER, Nick. 2018. Captivating algorithms: Recommender systems as traps. *Journal of Material Culture*, 24(4): 421-436. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1359183518820366>. Acesso em: 14 nov. 2021.

VAS, Dani. 2021 *Militância enquanto convite ao diálogo: o caso da militância monodissidente*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade de São Paulo.

WARNER, Michael. Públicos e Contrapúblicos. 2016. *Periódico Permanente*, 16: 1-17. Disponível em: <http://www.forumpermanente.org/revista/numero-6-1/conteudo/publicos-e-contrapublicos-2013-m-warner>. Acesso em: 14 nov. 2021.

WARNER, Michael. 1991 The Mass Public and the Mass Subject. In: CALHOUN, Craig (ed.). *Habermas and the Public Sphere*. Cambridge: MIT Press.